

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Frederico Fernandes Dias Chaves

**CONTRIBUIÇÃO DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MORAL EM
ARISTÓTELES E KANT NA CONSTRUÇÃO DA ÉTICA MILITAR**

**Resende
2019**

Frederico Fernandes Dias Chaves

**CONTRIBUIÇÃO DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MORAL EM
ARISTÓTELES E KANT NA CONSTRUÇÃO DA ÉTICA MILITAR**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Maj QCO Rogerio Gonçalves Botelho

Resende
2019

Frederico Fernandes Dias Chaves

**CONTRIBUIÇÃO DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MORAL EM
ARISTÓTELES E KANT NA CONSTRUÇÃO DA ÉTICA MILITAR**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Rogério Gonçalves Botelho, Maj QCO
(Orientador)

José Mauricio Teixeira Netto, Cel Inf/Refm

Anderson Valetin da Silva, TC Inf

Resende
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade de ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras e me dado forças para que eu pudesse continuar perante as dificuldades, ultrapassar todos os obstáculos e, deste modo, pudesse concluir meu maior sonho: tornar-me oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também a minha família, principalmente minha mãe, Kelly, por estar sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, fossem eles bons ou ruins. Sem seu auxílio, nada disso seria possível.

Agradeço a minha namorada, Marianna, por me ajudar nas diversas dúvidas que tinha, por todo carinho e amor durante essa jornada na AMAN e por sempre buscar estar presente nas atividades durante a formação.

Ao meu orientador Maj Rogerio, por todo o esforço e dedicação em auxiliar-me no desenvolvimento deste trabalho. Atencioso na orientação buscando atingir o êxito deste trabalho e de minha formação.

“O verdadeiro soldado: ama a Pátria, fiel aos seus juramentos solenes; é agressivamente honesto, irrepreensivelmente leal e arraigado à verdade; respeita a hierarquia e é ferrenho defensor da disciplina; cultua a coragem moral e cívica; comanda pelo exemplo: é justo no julgamento e firme na decisão; pratica a camaradagem, característica da vida na caserna; tem sua vocação identificada pelo entusiasmo e determinação com que se dedica às lides castrenses; conhece o ofício das armas com profundidade: é apto para as duras adversidades do combate; é impecável na apresentação individual e cavalheiro em atitudes; orgulha-se do Exército e serve ao Brasil com fé inabalável em seu futuro.

Ser Soldado é mais que profissão: é missão de grandeza!”

(Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves)

RESUMO

CONTRIBUIÇÃO DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MORAL EM ARISTÓTELES E KANT NA CONSTRUÇÃO DA ÉTICA MILITAR.

AUTOR: Frederico Fernandes Dias Chaves

ORIENTADOR: Maj QCO Rogerio Gonçalves Botelho

Este trabalho tem como objetivo principal verificar as possíveis contribuições na Ética Militar do Exército Brasileiro a partir dos fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles e dos fundamentos filosóficos da moral em Kant. A presente dissertação realiza uma análise acerca da vida do patrono Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, reverenciado no Exército Brasileiro por seus feitos no desempenho da profissão das armas. A presente exposição desenrolar-se-á utilizando como objetos de apoio artigos sobre o referido assunto, textos referentes à vida de Duque de Caxias e suas ações, abordagens filosóficas de Kant e Aristóteles referentes do que vem ser a ética e a moral, e o “Vade Mécum do Cerimonial Militar do Exército – Valores, Deveres e Ética Militares” que diz respeito ao conjunto de regras ou padrões que levam o militar a agir de acordo com o sentimento do dever, a honra pessoal, o pundonor militar e o decoro da classe. Ao longo do texto abordaremos as colaborações das teorias filosóficas na Ética Militar do Exército Brasileiro, que poderá servir de base e auxílio para novas pesquisas.

Palavras-chave: 1. Moral Kantiana 2. Moral Aristotélica 3. Ética Militar

ABSTRACT

CONTRIBUTION OF THE PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS OF MORALITY BY ARISTOTLE AND KANT IN THE CONSTRUCTION OF MILITARY ETHICS.

AUTHOR: Frederico Fernandes Dias Chaves
ADVISOR: Maj QCO Rogerio Gonçalves Botelho

This work aim to verify the possibilities of contributions in the Military Ethics of the Brazilian Army, starting from the philosophical foundations of the moral by Aristotle and of the philosophical foundations of the moral by Kant. This dissertation analyzes the life of the patron Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, the Duque de Caxias, revered in the Brazilian Army for his achievements in the military profession. This exhibition will be developed using articles about the subject as instrument of support, such as texts referring to the life of Duque de Caxias and his actions, philosophical approaches of Kant and Aristotle referring to what comes to be ethics and morals and the "Vade mecum of the Army Military Ceremonial – Military Values, Duties and Ethics", which refers to the set of rules or standards that lead the military to act according to the sense of duty, personal honor, military honor and the decorum of the class. Throughout the text we will discuss the collaborations of philosophical theories in the Military Ethics of the Brazilian Army, which may serve as a basis and aid for further research.

Keywords: 1.Kantian Morality 2. Aristotelian Morality 3. Military Ethics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro sobre os princípios da ética militar.....	23
Figura 2 - Quadro explicativo sobre as características dos princípios da ética militar.....	24

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AMAN Academia Militar das Agulhas Negras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 ASPECTOS FUNDAMENTAIS SOBRE ÉTICA E MORAL.....	13
2.2 FUNDAMENTOS DA MORAL EM ARISTÓTELES.....	17
2.3 FUNDAMENTOS DA MORAL EM KANT.....	20
2.4 ÉTICA MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	22
2.5 PRECEITOS DA ÉTICA MILITAR.....	25
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	26
3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	26
3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
5 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Os conceitos de ética e moral são termos frequentemente empregados pelos indivíduos, sejam eles militares ou não e, por isso, a importância de compreendê-los se torna fundamental. O estudo dos fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles e da moral Kantiana demonstram diversas oportunidades de contribuir na ética militar como forma de aumentar a assimilação e entendimento por todos, bem como perceber a influência desses fundamentos na identidade do patrono do Exército Brasileiro.

A Ética Militar do Exército Brasileiro impõe, a cada militar, conduta moral irrepreensível. O sentimento do dever, a honra pessoal, o pundonor militar e o decoro da classe são preceitos que levam o militar a agir segundo modelo ou normas já estabelecidos. Vale ressaltar que o acompanhamento desta ética faz com que os militares sejam vistos como referência na profissão das armas, como é o caso do patrono do Exército, o Duque de Caxias. Além do mais, a ética militar é matéria desenvolvida em diversas escolas militares como, por exemplo, a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), localizada em Resende no Estado do Rio de Janeiro, o que demonstra a importância do assunto e o alcance incutido ao tema no qual são abordadas questões morais sobre guerra justa, conflitos armados, dentre outras questões. Por isso, como é de notório conhecimento, oficiais e praças, são responsáveis por cumprir suas obrigações e deveres segundo o preceito ético e moral. Dessa maneira é preciso entender que os filósofos Aristóteles e Kant possuem teorias que podem possibilitar a fundamentação das concepções dos militares a respeito da Ética Militar.

Este trabalho tem como problemática identificar as contribuições dos fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles e dos fundamentos da moral em Kant no desenvolvimento da Ética Militar. Portanto, é de extrema importância este assunto, visto que ainda não há muitos estudos a respeito desta matéria, como também, demonstrar as contribuições destes filósofos na construção dos fundamentos da Ética Militar.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as contribuições dos fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles e dos fundamentos filosóficos da moral em Kant na ética militar.

1.1.2 Objetivos específicos

- a. Conhecer os fundamentos da ética e moral

- b. Identificar os fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles
- c. Identificar os fundamentos filosóficos da moral em Kant
- d. Analisar o conteúdo da ética militar preconizada no Vade Mécum de Cerimonial Militar do Exército – Valores, Deveres e Ética Militares. (Portaria no 156/Cmt Ex, de 23 Abr 02).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A monografia abordará o conhecimento da área 8. Filosofia, na subárea 8.1 A moral e a ética com o tema 8.1.1. O fenômeno moral e ético.

2.1 ASPECTOS FUNDAMENTAIS SOBRE ÉTICA E MORAL

Há uma lenda, reproduzida por Platão na sua brilhante obra *A República*, a respeito de um anel que tornaria invisível quem lograsse êxito em virar o engaste para dentro. Foi o que teria ocorrido ao pastor Gíges, que se mantinha a serviço do rei da Lídia. Depois de ter se salvado de um abalo sísmico, retirou de um cadáver o mencionado anel. Ao constatar que podia ficar invisível quando quisesse, entrou no castelo, encantou a rainha, tramou com ela a morte do rei e obteve o poder. Neste mito, provoca uma forma de pensamento sobre os motivos que estimulam ou coíbem uma ação, ou seja, uma reflexão a cerca da moral e ética no tocante do que vem ser a moral, para que agir de forma moral, o que é ética, o porquê do estudo desta matéria e os fundamentos inerentes à ética e moral (ARANHA, 2005).

Quando vamos iniciar uma discussão sobre ética inauguramos o estudo pela revisão de suas origens etimológicas e pela sua distinção ou sinonímia com o termo moral. Há pensadores que julgam os dois termos da mesma forma e os diferenciam apenas pela nomenclatura e há ainda aqueles que os definem em planos bem distintos, bem demarcados. Assim, ética e moral estabelecem uma relação cujos limites estão contaminados, se misturam e se confundem. Vejamos como Vasquez (2002) aborda esta questão:

Ambas as palavras mantêm assim uma relação que não tinham propriamente em suas origens etimológicas. Certamente, moral vem do latim *mos* ou *mores*, "costume" ou "costumes", no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. A moral se refere, assim, ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem. Ética vem do grego *ethos*, que significa analogamente "modo de ser" ou "caráter" enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. Assim, portanto, originariamente, *ethos* e *mos*, "caráter" e "costume", assentam-se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito. É precisamente esse caráter não natural da maneira de ser do homem que, na Antiguidade, lhe confere sua dimensão moral. (VASQUEZ, 2002, p.24)

Sobre a moral, pode se dizer que é um conjunto de regras de conduta assumidas livre e conscientemente pelos indivíduos, tendo como finalidade a organização das relações interpessoais segundo os valores do bem e do mal. A moral, portanto, inicia onde nenhuma condenação externa se impõe (SANTANA, 2007). Exige, para além da obediência às regras

das ciências jurídicas e sociais, a observância consigo mesma de outra modalidade de normatização inscrita na própria consciência. Além do mais, encontramos na moral dois planos: o plano normativo, constituído pelas normas ou regras de ação e pelos imperativos que enunciam algo que deve ser; e o plano factual, ou plano dos fatos, constituído por certos eventos que se realizam na prática, independentemente de como pensamos que deveriam ser. Segundo o dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano, o termo moral apresenta dois sentidos: Deriva do “lat. Moralia; in: Morals”, fr. Morale; it. Morale; significa “o mesmo que Ética”. Objeto da ética, conduta dirigida ou disciplinada por normas, conjunto dos mores. Existe, também, um emprego do termo moral como substantivo masculino no qual se refere ao estado psicológico do indivíduo ou do grupo.

Por outro lado, a ética, ou filosofia moral, é mais abstrata, constituindo a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão sobre as noções e os princípios que fundamentam a vida moral. A ética, disciplina da filosofia, investiga os diversos sistemas de morais elaborados pelos homens, buscando compreender a fundamentação das normas e proibições próprias a cada uma e explicar seus pressupostos, ou seja, as concepções sobre o ser humano e a existência que os sustenta. A ética origina-se do grego “ethos” e significa “modo de ser” ou “caráter”. Designa, antes de tudo, uma maneira de se comportar, uma forma de viver. Como exemplo, podemos dizer que são questões éticas perguntar-se a respeito do que é o bem e do que é o mal, qual a natureza do dever, em que consiste a moral autônoma, o que são valores. Os estudos éticos interessam-se não só em definir e registrar a ocorrência do fenômeno moral, mas também em investigar os seus fundamentos, em equacionar os estudos referentes aos valores morais e sua posição dentro de uma hierarquia de valores, assim como em analisar a linguagem moral.

Vale ressaltar que se encontra uma consideração no qual estabelece uma separação entre as esferas privada e pública referente ao conceito de moral e ética. Quanto ao conceito de moral para as regras que valem para as relações privadas (por exemplo, comportamentos que devem ter um bom pai ou uma boa mãe) e, ao conceito de ética para aquelas que regem o espaço público, tendo, como exemplo, expressões “ética na política”, os “comitês de ética para a pesquisa em seres humanos” e as referências aos “códigos de ética” de diversas profissões. A ética aplicada, ramo recente da reflexão filosófica, reforça essa esfera pública, pois realiza uma abordagem em temas como bioética, ética ambiental (ou eco ética) e ética dos negócios. Além disso, há aqueles que tratam a moral e ética como convenções, como é o caso de Paul Ricoeur (1990), no que se refere à convenção de abordar a moral conforme um

fenômeno social e a ética para a reflexão filosófica ou científica a cerca da moral. Quanto a esse fenômeno mencionado pode-se dizer que toda a sociedade é regida por um conjunto de regras de conduta. Por isso, vale afirmar que toda organização social humana tem uma moral que é suscetível a indagações. Entretanto, a moral também pode ser objeto de estudo científico: pode-se procurar traçar a história de diversificados sistemas morais (trabalho da história), pode-se procurar compreender as condições sociais que tornam possíveis ou até fundamentais (trabalho da sociologia), pode-se procurar desvendar os processos mentais que levam com que os homens os legitimem (trabalho da psicologia). No que se refere ao trabalho de reflexão filosófica e científica costuma-se dar o nome de ética.

Para facilitar a compreensão do campo ético e moral e, por conseguinte, a Ética Militar, tendo como base a contribuição dos fundamentos filosóficos da moral em Aristóteles e dos fundamentos filosóficos da moral em Kant, cabe apreciar os fundamentos éticos e moral de outros pensadores do campo da filosofia, sociologia, psicologia.

A ética dos estoicos viu na virtude o único bem da vida e pregou a necessidade de viver de acordo com ela, o que significa viver conforme a natureza, que se identifica com razão, por esse motivo, é contrária à ética epicurista devido ao pensamento da felicidade não se orientar pela busca do prazer, mas no exercício constante da virtude. As éticas cristãs situam os bens e os fins em Deus e identificam moral com religião. Santo Tomás de Aquino, filósofo e teólogo da Idade Média, adaptou o aristotelismo aos ideais cristãos e recuperou a ética eudemonista (doutrina moral segundo a qual o fim das ações humanas consiste na busca da felicidade através do exercício da virtude), no entanto, leal ao ideal religioso, admitia que a única contemplação a garantir a felicidade é a contemplação de Deus. Jeremy Bentham, filósofo moral e estudioso das leis, fundamentou o princípio do utilitarismo em que sua ideia central do mais elevado objetivo da moral é maximizar a felicidade, assegurando a supremacia do prazer sobre a dor. Em suma, para Bentham, todos nós gostamos de prazer e não gostamos da dor e, com isso, a filosofia utilitarista reconhece esse fato e faz dele a base da vida moral. Nietzsche criou uma ética dos valores que inverteu o pensamento ético tradicional, e conforme ensinou Raynaud, uma das principais construções filosóficas de Nietzsche é a “moralidade dos costumes”, a qual vincula a moral ao respeito a uma lei e a uma tradição já fundada pelo próprio tempo. A filosofia chinesa começou com uma reflexão ética como uma teoria, embora precária, da conduta e do destino humano. Para os sofistas, não existem critérios morais universalmente válidos, ou seja, sua concepção é relativista. No ocidente, a dominância inicial do estudo sobre ética originou-se da filosofia de Sócrates,

considerado o fundador da Ética, pois este filósofo buscava entender o homem e sua realidade moral, afirmando que o conhecimento seria suficiente para orientar a conduta humana às ações lícitas e boas, e Platão iniciou os estudos considerando que o Bem existe no mundo das ideias e, como consequência, defendeu que conhecer as ideias é fundamental para conhecer o Bem e, portanto, agir bem. É no mundo das ideias que existem os princípios morais. Bergson estabeleceu a distinção entre moral fechada e moral aberta: a primeira, conservadora dos costumes sociais, baseada no hábito e na repetição, consiste na coação exercida pela sociedade e, por isso, as ações são conduzidas de forma automática, enquanto a segunda não é moral social, não é fixa e nem existe uma pressão, mas é progressiva e criadora e se funda na emoção, no instinto e no entusiasmo próprio dos profetas, santos e inovadores.

Destaca-se que tanto a ética quanto a moral definem o homem como sujeito autônomo, dotado de consciência e vontade, capaz de deliberação, escolha e decisão, visando uma ação subjetiva e intersubjetiva não instrumental, segundo valores na medida do possível. O psicólogo Kohlberg estabeleceu três níveis de moralidade: nível pré-convencional, caracterizando pela moral heterônoma já que o comportamento humano é regulado exteriormente pelo meio social; nível convencional, em que se supera a fase anterior, ao se valorizar o reconhecimento do outro em campos cada vez mais ampliados; e, por último, o nível pós-convencional que diz respeito ao ser humano perceber os conflitos entre as regras e os sistemas, entre o direito e os princípios morais.

Seguindo no campo da psicologia, observamos a seguinte colocação no dicionário desta área a respeito da moral:

Qualifica a conformidade das condutas humanas com os costumes que regulam de maneira normativa as interações numa sociedade, levando em conta a importância dos laços individuais. O ajustamento moral é estudado em função das capacidades de discriminação, de juízo, de descentração e de interiorização dos indivíduos. A discriminação das regras morais das outras regras (convencionais, sociais, legais) é função das reações do meio, dos contextos, das sanções e dos julgamentos verbalizados, que permitem a hierarquização e o ajustamento das condutas com as normas de reciprocidade e de responsabilidade que as regem. (PRÉVOST; SELOSSE apud DORON, 2006).

Após esta explanação dos aspectos fundamentais sobre ética e moral, vamos continuar o direcionamento do trabalho em dois filósofos: Aristóteles e Immanuel Kant, que possuem fundamentos de extrema importância até nos dias atuais. Esses fundamentos são imprescindíveis para explicações a respeito da Ética Militar, tendo como problemática as

características da identidade do patrono do Exército Brasileiro, Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, junto à ética recomendada entre os militares.

2.2 FUNDAMENTOS DA MORAL EM ARISTÓTELES

Antes de discorrer a respeito dos fundamentos da moral aristotélica é interessante que mostremos ao leitor quem foi Aristóteles e o contexto que envolve sua principal produção filosófica que demonstra o pensamento referente à moral, a *Ética a Nicômaco*. O filósofo grego, Aristóteles (384 – 322 a.C), nasceu em Estagira e mesmo jovem foi enviado para a Academia de Platão, em Atenas, inicialmente tornou-se discípulo e, mais tarde, professor. O período da Idade do Ouro de Atenas era dominado por Péricles, época que decorre entre os anos de 461 – 429 a.C, data de sua morte, e este estrategista foi um dos atuantes da revolução democrática pela qual a cidade presenciou. Tal momento de grandiosidade cultural e da concretização do Império Ateniense sobre as demais cidades gregas será, no entanto, de pequena duração, pois existiam disputas pelo poder no Peloponeso com a rival Esparta em que levarão ao declínio da hegemonia ateniense. Aristóteles, atuante nesse período junto a Platão, é um dos grandes pensadores das questões sobre ética.

Os fundamentos da moral em Aristóteles tem como base o ser humano alcançar a felicidade, no qual podemos dizer que é um bem supremo desejado. O filósofo expõe que a felicidade é escolhida sempre por si mesma e jamais em vista de outros objetivos, por exemplo, a honra, o prazer, a razão e todas as virtudes também são escolhidas por si mesmas, mas sempre em favor da felicidade. Em vista disso, nota-se que a felicidade é algo perfeito e auto suficiente, sendo a finalidade das ações. No entanto, o filósofo demonstra que não deliberamos sobre os fins, mas sobre os meios que nos fazem alcançar esse bem. Aristóteles diz que os bens são divididos em três aspectos: uns são chamados exteriores, outros relacionados à alma e ao corpo; quanto aos que se relacionam à alma asseguramos que são mais poderosos e bens excelentes. Podemos afirmar que a felicidade é identificada conforme uma boa vida ou bem agir. A ética de Aristóteles exerceu forte influência no pensamento ocidental, e segundo sua ilustre teoria conhecida como eudemonismo, oriunda do verbo grego eudaimonéo, “ser feliz”, diz que as atividades humanas aspiram a algum bem, dentre os quais o maior é a felicidade, e este bem maior não se encontra nos prazeres nem na riqueza, mas na vida virtuosa, que se alcança pela atividade racional.

“(...) o que é próprio de cada coisa é, por natureza, o que há de melhor e de aprazível para ela; e, assim, para o homem a vida conforme à razão é a melhor e a mais

aprazível, já que a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Onde se conclui que essa vida é também a mais feliz”. (Aristóteles apud Pegoraro AMAN 2018)

No livro de Roger-Pol Droit, o capítulo referente a Aristóteles demonstra que o filósofo defende a ideia que a felicidade suprema consiste em se dedicar ao saber, mas não deixando de lado a força da amizade nem as alegrias da família. Reconhece, também, que o sábio, para ser tornar feliz, não precisa apenas da virtude, mas também de saúde, de certo conforto material e consideração social. Uma explicação que podemos reforçar esse fundamento encontrado na obra de Roger-Pol Droit é ao lermos a Coletânea de textos de ética e filosofia moral da cadeira de filosofia da Academia Militar das Agulhas Negras no que refere-se às condições da vida feliz que propõe ao menos seis condições para ser feliz: a prática das virtudes, um círculo de amigos, boa saúde, suficiência de bens materiais, viver numa sociedade e a meditação filosófica (Pegoraro apud AMAN 2018).

Aristóteles divide a virtude em dois tipos, uma sendo intelectual e outra moral. A virtude intelectual se sujeita mais ensino, quer em sua origem, quer em seu crescimento e, por isso, ela necessita de experiência e tempo; já a virtude moral resulta do hábito, de onde lhe vem também seu nome, a palavra “ethos”. Valendo-se disso, é perceptível que nenhuma das virtudes morais é gerada em nós por natureza porque não há coisas que existem por natureza tornando-se diferente pelo hábito e, Aristóteles, dá como exemplo, a pedra que se move por natureza para baixo, não se habituaria a mover-se para cima, nem se algum indivíduo jogasse para cima a pedra inúmeras vezes. Quanto às virtudes, adquirimos por uma atividade, tal como também ocorre com as outras artes, já que existem coisas que são fundamentais aprender antes de fazê-las e, com isso, podemos afirmar, segundo Aristóteles, que ao praticar ações justas nos tornamos justos, e ao praticar as ações moderadas nos tornamos moderados, e praticando ações corajosas nos tornamos corajosos. Essa afirmativa pode ser confirmada quando nas cidades, os legisladores tornam bons os cidadãos pelos hábitos que lhes incutem.

As virtudes morais são prejudicadas pela falta e pelo excesso. Uma escolha virtuosa é, portanto, agir conforme o meio-termo entre esses dois extremos. Quanto ao vigor e à saúde, por exemplo, podemos identificar que o vigor é perdido tanto pelo excesso como pela falta de exercício e, igualmente, tanto a bebida quanto o alimento, sendo em grande ou pequena quantidade, destroem a saúde. O mesmo fato ocorre com relação à temperança, à coragem e às outras virtudes; assim, então, a temperança e coragem são destruídas igualmente pelo excesso e pela falta, enquanto são conservadas pela justa medida. Podemos mencionar outros

exemplos quanto ao meio-termo como a coragem sendo a virtude que se caracteriza pelo justo-meio entre a temeridade, que é a ousadia imprudente, e a covardia; e, outro exemplo é diante do sentimento de vergonha, em que a virtude da modéstia está entre a timidez (excesso) e o impudor (carência). Aristóteles fundamenta que a virtude moral se relaciona também com os prazeres e as dores e, por isso, tendemos a agir da melhor maneira em vista dos prazeres e das dores, e que o vício faz todo o contrário. Sendo assim, medimos nossas ações, uns mais, outros menos, pelo prazer e pela dor. A virtude é um meio-termo entre dois vícios, um segundo o excesso e outro segundo a falta, e visa a posição intermediária nas paixões e nas ações. Como consequência dessa virtude, Aristóteles explica que é penoso encontrar esse meio-termo já que necessita de um trabalho para ser virtuoso e, por isso, o meio-termo é digno de louvor, que devemos às vezes inclinar-nos tanto em direção do excesso, quanto em direção da deficiência, pois é deste modo que atingiremos com mais felicidade o meio-termo e o bem. Além do mais, para Aristóteles, a virtude é uma disposição para querer o bem, que resulta de um hábito e não de atos ocasionais e fortuitos.

Na coletânea de textos de ética e filosofia moral da cadeira de filosofia da Academia Militar das Agulhas Negras encontramos no capítulo “Aristóteles: Ética da Imanência” a introdução da ética de Aristóteles abordada em quatro eixos: o primeiro eixo diz que a ética é natural, ou seja, emerge da estrutura biológica do ser humano tomado em sua individualidade e sociabilidade; o segundo eixo diz que a ética é finalista em que todas as escolhas e decisões visam alcançar um fim, produzir um bem e chegar a uma meta; o terceiro eixo refere-se a ética sendo racional no qual ganha-se qualidade ética quando estamos subordinados ao comando da razão; e, por último, o quarto eixo que afirma a heteronomia da ética dizendo a respeito da ética vindo de fora, vindo da natureza e, por isso, o homem não escolhe nem decide ser ético.

A ética e a política de Aristóteles visam dois pontos centrais: formar o cidadão para a justiça e gerenciar o bem comum a todos os cidadãos, através de um governo intencionado nesta direção. Igualmente fundamental é a unidade do corpo social garantida pela prática de justiça que é garantida e fundamento da ordem e da harmonia na diversidade dos seres humanos e nas estruturas administrativas que compõem a sociedade política. A consequência da ordem social é a estabilidade e a paz na polis. É isto tudo que Aristóteles visa quando diz que “ao homem não basta viver; ele quer viver bem”. E viver bem implica a prática da ética pessoal (práticas das virtudes morais) e da convivência social segundo a justiça sob a direção de um legislador justo e equitativo. É assim que se realiza a meta da ética e da política: a felicidade do corpo social e de cada cidadão. (Pegoraro, Olinto apud BRASIL 2018).

2.3 FUNDAMENTOS DA MORAL EM KANT

Como foi realizado no tópico anterior “Os fundamentos da moral em Aristóteles”, é importante situar o leitor quanto à figura de Kant para entender o contexto no qual foram desenvolvidos os fundamentos da moral deste filósofo. Immanuel Kant nasceu em Königsberg, no dia 22 de abril de 1724, tendo sua vida cercada por filósofos-professores alemães. As obras de Kant podem classificar-se, distinguindo três períodos em sua vida: O primeiro, de 1755 a 1770, no qual suas ideias pessoais comungam das ideias filosóficas predominantes na Alemanha dessa época, a saber, do racionalismo dogmático de Leibniz. Neste período são empregadas algumas considerações sobre o belo e o sublime, o silogismo, o otimismo; A segunda fase (1770) começa a divisar um esboço inicialmente da filosofia kantiana. Estabelece uma distinção entre o mundo dos fenômenos e o mundo dos númenos, como resultado de uma concepção inteiramente original do tempo e espaço. Nesta fase, nascem as primeiras grandes obras-primas, sendo elas: *A fundamentação da metafísica dos costumes* (1785) e *A Crítica da razão prática* (1788); por fim, o último período (1790), a filosofia kantiana pode considerar-se completa já que é possível interpretar o kantismo em função das obras subsequentes às três Críticas. Após essa explanação, podemos dizer que para fundamentar o tema a respeito, da moral kantiana, temos como base as obras: *Fundamentos da metafísica dos costumes* e *Crítica da razão pura*.

Para Kant, o fundamento da moral de uma ação não consiste em suas consequências, mas na intenção com a qual tal ação é realizada. Sendo assim, o que importa é o motivo, que deve ser de determinada natureza e, por isso, fazer a coisa certa deve ser feito porque é certo, e não por qualquer outro motivo, consequentemente, é necessário levar em conta a intenção prescindindo do fim visado, ou seja, unicamente como intenção de fazer o que se deve fazer. O filósofo escreve que “*uma boa ação não é devido ao que ela resulta ou por aquilo que ela realiza*”. Para que uma ação seja moralmente boa, “*não basta que ela se ajuste à lei moral – ela deve ser praticada em prol da lei moral*”(SANDEL apud AMAN 2018). O valor moral de uma ação é motivado pelo dever, ou seja, é realizar e/ou executar alguma coisa pelo motivo certo com a habilidade de deliberar e dar razões para uma ação.

No livro *Compreender Kant* de Georges Pascal pode-se encontrar um princípio: o valor moral reside na intenção. E um segundo princípio que é o seguinte:

Uma ação cumprida por dever tira seu valor moral não do fim que por ela deve ser alcançado, mas da máxima que a determina. Este valor não depende, portanto, da realidade do objeto da ação, mas unicamente do princípio do querer, segundo o qual

a ação é produzida, sem tomar em conta nenhum dos objetos da faculdade apetitiva (de desejar). (PASCAL; Georges, 2011, p.60).

Para Kant, essa razão prática pura demonstra-se como primordial e único fundamento para a moral, não há nenhum outro suficiente capaz de impor, totalmente a priori, à vontade humana uma lei válida objetivamente à conduta de todo ente racional. Como Höffe (1986, p.159) adverte, este tipo de concepção sobre o fundamento da ética distingue-se absolutamente de qualquer investigação moral empreendida anteriormente:

Antes de Kant se buscou a origem da ética na ordem da natureza ou da comunidade humana, na aspiração à felicidade, na vontade de Deus ou no sentimento moral. Kant pretende mostrar que não cabe explicar desse modo o caráter objetivo que a moralidade reclama para si. Como no campo teórico, no campo prático só é possível a objetividade por intermédio do sujeito. (HÖFFE, 1986, p.159)

Podemos identificar também no livro *Compreender Kant*, de Georges Pascal, que o homem necessita de móveis para poder agir, e como nenhuma ação procedente de um móvel tirado da sensibilidade merece ser qualificada por moral, não resta outro móvel para ação de quem queira agir por dever senão o respeito à lei que lhe ordena cumprir o dever. Vale ressaltar que há uma distinção realizada por Kant na *Fundamentação* entre a ação conforme o dever e a ação por dever. Nos fundamentos de Kant podemos encontrar que:

Ser caritativo quando se pode sê-lo é um dever, e há além disso muitas almas de disposição tão compassiva que, mesmo sem nenhum outro motivo de vaidade ou interesse, acham íntimo prazer em espalhar alegria à sua volta e se podem alegrar com o contentamento dos outros, enquanto este é uma obra sua. Eu afirmo porém que neste caso uma tal ação, por conforme ao dever, por amável que ela seja, não tem contudo nenhum verdadeiro valor moral, mas vai emparelhar com outras inclinações, por exemplo, o amor das honras que, quando por feliz acaso topa aquilo que efetivamente é de interesse geral e conforme ao dever, é consequentemente honroso e merece louvor e estímulo, mas não estima; pois à sua máxima falta o conteúdo moral que manda que tais ações se pratiquem, não por inclinação, mas por dever. [...] se a natureza não tivesse feito de um tal homem (que em boa verdade não seria seu pior produto) propriamente um filantropo, – não poderia ele encontrar dentro de si um manancial que lhe pudesse dar um valor muito mais elevado do que um temperamento bondoso? Sem dúvida! – e exatamente aí é que começa o valor do caráter, que é moralmente sem qualquer comparação o mais alto, e que consiste em fazer o bem, não por inclinação, mas por dever. (KANT, 1980a, p. 113).

O filósofo, maior expoente do Iluminismo, expressa que a ação moral deve ser autônoma, pois o ser humano é o único com a capacidade de ser guiado segundo leis que a própria razão estabelece. Ao alcançar essas leis, Kant não parte de valores determinados pelas nossas inclinações nem aprova como objetivo do ato moral a felicidade, o bem-estar, porque

todas essas formas de fundar a ética são subjetivas e relativas. Em contrapartida, para buscar o valor absoluto e o universalismo, consideramos uma lei ou forma, a priori, anteriormente a toda experiência, ou seja, um imperativo categórico em que a obediência à lei é voltada apenas para a realização do dever. Em oposição às outras éticas, tem como base os imperativos hipotéticos (se você quer ser feliz, por exemplo, analise tal lei), a ética de Kant é incondicional, por estar fundamentada na determinação formal da vontade.

Os imperativos categóricos são os imperativos morais. Portanto, apenas aquele que age unicamente por puro dever age moralmente. Kant nos mostra várias formulações do imperativo categórico que, conforme o filósofo resulta basicamente na mesma coisa. A primeira formulação deste imperativo é: “universaliza sua máxima” no qual denomina uma lei universal em que aja apenas segundo um determinado princípio que, conforme concepção interior, deveria constituir uma lei universal. Isso significa que só devemos tomar quaisquer ações de acordo com os princípios que podemos universalizar sem entrar em contradição. A segunda formulação é: “trate as pessoas como fins em si mesmas” em que não devemos constituir a lei moral em interesses, propósitos ou objetivos particulares, já que nesse caso apenas seria relativa à pessoa cujos objetivos estivessem em questão. Por isso, o imperativo categórico é, por conseguinte, um imperativo formal; agir por respeito ao dever. Já o imperativo hipotético diz que se a ação for boa apenas como um meio para atingir uma determinada coisa pode dizer, assim, que será hipotético. Em suma, a partir do material de estudo “Coletânea de textos de ética e filosofia moral” da cadeira de filosofia da Academia Militar das Agulhas Negras, reforçamos a ideia que a lei moral em Kant consiste em um imperativo categórico, no qual se tornam um princípio que exige que tratemos as pessoas com respeito, como fins em si mesmas. Ou seja, apenas agimos livremente no momento em que fazemos algo de acordo com o imperativo categórico, pois se agirmos segundo a um imperativo hipotético agimos em prol de algum interesse ou objetivo externo.

2.4 ÉTICA MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

A ética militar pode se dizer que é um conjunto de regras ou padrões já estabelecidos que motiva o militar a se comportar de acordo com o sentimento do dever, o pundonor militar, a honra pessoal e o decoro da classe. Segundo o Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército – Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10) - Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002, a ética militar impõe, a cada militar, a conduta moral irrepreensível. A figura 1 a seguir demonstra quais são os princípios da ética militar.

Figura 1 - Quadro sobre os princípios da ética militar.



Fonte: Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército - Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10) - Portaria nº 156 (2002)

Como forma de explicar cada princípio vem explicitada no Vade-Mécum militar da seguinte maneira:

- a. Sentimento do Dever – refere-se ao exercício, com autoridade e eficiência, das funções que lhe couberem em decorrência do cargo, ao cumprimento das leis, regulamentos e ordens e à dedicação integral ao serviço.
- b. Honra Pessoal – refere-se à conduta como pessoa, à sua boa reputação e ao respeito de que é merecedor no seio da comunidade. É o sentimento de dignidade própria, como o apreço e o respeito que o militar se torna merecedor perante seus superiores, pares e subordinados.
- c. Pundonor Militar – refere-se ao indivíduo como militar e está intimamente relacionado à honra pessoal. É o esforço do militar para pautar sua conduta como a de um profissional correto, em serviço ou fora dele. O militar deve manter alto padrão de comportamento ético, que se refletirá no seu desempenho perante a Instituição a que serve e no grau de respeito que lhe é devido.
- d. Decoro da Classe – refere-se aos valores moral e social da Instituição (Exército Brasileiro) e à sua imagem ante a sociedade. Representa o conceito social dos militares.

Para o melhor entendimento, a figura 2 abaixo demonstra a maneira como o militar deve se portar e agir segundo aos conjuntos de regras e padrões determinados.

Figura 2 - Quadro explicativo sobre as características dos princípios da ética militar.



Fonte: Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército - Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10) - Portaria nº 156 (2002)

Como bem considerou Toner, professor de ética do Air War College (Alabama/EUA), que ao discutir sobre a ética militar estabeleceu uma tese principal:

[...] a ética militar trata de nós aprendermos o que é bom e verdadeiro e, em seguida, termos a coragem de fazer e ser aquilo que devemos fazer e aquilo que devemos ser, porque a ética militar não trata dos êxitos ou fracassos dele ou dela, não trata de suas virtudes ou vícios: a ética militar trata de nossa herança e história militar e trata de nossa responsabilidade de sermos homens e mulheres de caráter. (TONER, 2003, p.1)

Podemos dizer que a ética militar tem como base três verbos: “dever”, no sentido do militar ser devedor de algo; o “ordenar” no sentido de se estabelecer uma hierarquia; e o “dever” com o sentido de militar ser o indivíduo obrigado. No primeiro conceito diz respeito à noção de que o militar deve ter a capacidade de reconhecer a existência da obrigação, do dever, da responsabilidade. No segundo conceito retrata não o caso da ação do superior diante ao seu subordinado e, sim, na hierarquia de valores, prioridades éticas e, estruturação moral. Já no terceiro, retratamos no sentido que o militar tem a obrigação de fazer, ou seja, o respeito a hierarquia e disciplina militar exige a obediência as ordens e a pronta disciplina intelectual de cada indivíduo.

2.5 PRECEITOS DA ÉTICA MILITAR

- I. Cultuar a verdade, a lealdade, a probidade e a responsabilidade como fundamentos de dignidade pessoal.
- II. Exercer, com autoridade e eficiência, as funções que lhe couberem em decorrência do cargo.
- III. Respeitar a dignidade da pessoa humana.
- IV. Cumprir e fazer cumprir as leis, os regulamentos, as instruções e as ordens das autoridades a que estiver subordinado.
- V. Ser justo e imparcial no julgamento dos atos e na apreciação do mérito dos subordinados.
- VI. Zelar pelo preparo próprio, moral, intelectual e físico e, também, pelo dos subordinados, tendo em vista o cumprimento da missão comum.
- VII. Dedicar-se integralmente ao cumprimento do dever.
- VIII. Praticar a camaradagem e desenvolver, permanentemente, o espírito de cooperação.
- IX. Ser discreto em suas atitudes, maneiras e em sua linguagem escrita e falada.
- X. Abster-se de tratar, fora do âmbito apropriado, de matéria sigilosa de qualquer natureza.
- XI. Cumprir seus deveres de cidadão.
- XII. Proceder de maneira ilibada em todas as situações.
- XIII. Observar as normas da boa educação.
- XIV. Garantir assistência moral e material aos seus dependentes legais.
- XV. Conduzir-se, mesmo fora do serviço ou quando já na inatividade, de modo que não sejam prejudicados os princípios da disciplina, do respeito e do decoro militar.
- XVI. Abster-se de fazer uso do grau hierárquico para obter facilidades pessoais de qualquer natureza ou para encaminhar negócios particulares ou de terceiros.
- XVII. Abster-se do uso das designações hierárquicas em atividades que venham a comprometer o bom nome das Forças Armadas; e
- XVIII. Zelar pela observância dos preceitos da ética militar.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Durante essa parte da monografia, serão realizados os processos de estudo do tema, assim como a definição de parâmetros utilizados.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental, o trabalho é desenvolvido a partir da explicação da situação-problema e a utilização dos conhecimentos disponíveis baseado em teorias publicadas em livros, artigos, manuais e enciclopédias.

3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Inicialmente, foi realizado o estudo preliminar sobre os principais conceitos abordados com um objetivo de realizar um aprofundamento básico necessário para o desenvolvimento da pesquisa através de leituras de artigos, livros, teses de mestrado e doutorado, apostilas com assuntos específicos e especializados no assunto.

Após a conceituação de nomenclaturas, termos usados, expressões, teorias, no desenvolvimento desta dissertação, a pesquisa focou no estudo dos fundamentos filosóficos da moral de Aristóteles e Kant na ética militar do Exército Brasileiro, através de artigos científicos, dissertações, livros, manuais. Foram buscados embasamentos teóricos em nomes de prestígio para dar credibilidade e maiores dados à pesquisa.

As abordagens explicativas sobre os fundamentos filosóficos de Aristóteles e Kant foram baseadas nas diversas obras desses pensadores que se tornaram referências no campo da moral e ética. O material de estudo da cadeira de filosofia da Academia Militar das Agulhas Negras também foi de imprescindível importância para a fundamentação do trabalho.

Com os dados obtidos através de leitura, foi feita a análise desses fundamentos da moral para fazer a construção e desenvolvimento do conhecimento.

3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O fichamento, que é um modo de se armazenar informações necessárias ao empreendimento de um trabalho acadêmico. Todas as ideias fichadas proporcionam os fundamentos para o desenvolvimento da tese deste trabalho no qual está sendo apresentada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado da contribuição dos fundamentos filosóficos da moral de Aristóteles e dos fundamentos filosóficos da moral em Kant temos que a profissão militar, diferente das demais profissões, caracteriza-se por demandar dos indivíduos diversos e incontáveis sacrifícios, incluindo o da própria vida em benefício da Pátria. Esta especificidade dos militares os leva a vangloriar certos princípios que lhes são imprescindíveis. A ética militar, neste caso, apresenta conceitos indissociáveis, convergentes e que se complementam para a obtenção de objetivos individuais e institucionais.

Os filósofos Aristóteles e Kant, a partir de seus respectivos fundamentos acerca da moral, mostram que existem contribuições na ética militar, visto que muitos preceitos, características e conceitos da ética militar possuem como base os fundamentos desses dois filósofos. Na história do nosso Exército Brasileiro identificamos na imagem do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, a internalização dos preceitos éticos presentes na Instituição para que estivesse êxito nas diversas batalhas disputadas. A revolta da Balaiada, (1838/1941) no Maranhão, por exemplo, demonstrou que Governo Imperial sentiu a necessidade de confiar a uma só pessoa a Presidência da Província e o comando das Armas à figura de Duque de Caxias. Ao relacionar as atitudes de Duque de Caxias com os fundamentos filosóficos de Kant, podemos dizer que o patrono não teve suas ações baseadas na intuição ou em algum outro interesse que não seja estritamente no sentimento de cumprimento de missão, agindo apenas pelo dever, já que suas ações estavam fundamentadas na razão. Além do mais, o fundamento kantiano assume que a razão pura prática apresenta-se como o único e exclusivo fundamento para a moral que, segundo ele, o indivíduo escolhe agir eminentemente pelo dever. É agir somente, segundo uma máxima tal, que possa se tornar uma lei universal (definido por Kant como imperativo categórico). Kant defende a ideia que uma boa vontade passa pela formação do caráter, e se o caráter do sujeito não for bom, isto é, se o sujeito não cultua o uso dos princípios da razão por preferir seguir os impulsos da sensibilidade, a vontade não será incondicionalmente boa e, conseqüentemente, podemos concluir que se o caráter não for bom, do indivíduo não decorrerá uma boa ação. Portanto, o patrono do Exército Brasileiro, a partir de sua formação do caráter militar, identifica o seu dever universal de uma obrigação objetiva, e não o dever inspirado por uma impressão sensível e mutável.

Acrescenta-se também nesta contribuição, as concepções de Aristóteles como aspecto de grande relevância de influência na Ética Militar e ao se explicar as ações do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva. A ética aristotélica inicia-se com o estabelecimento da noção de felicidade, ou seja, pode ser considerada uma ética eudemonista por buscar o que é o bem agir em escala humana, o agir segundo a virtude. Além do mais, o Estagirita indicou o meio-termo (como gênero de virtude moral) a regra de ouro do agir moral. Retomando o período de pacificação na revolta no Maranhão, Duque de Caxias conduziu o destino daquela região com prudência e habilidade, procurando sempre adotar a medida mais adequada para a situação visou o meio-termo ao se relacionar com as paixões e ações. Os fundamentos de Aristóteles estão presentes, também, na Ética Militar dentro da honra pessoal, por exemplo, no momento em que o militar para ter uma boa reputação e o respeito de que é merecedor deve evitar os excessos e carências, buscando a mediania de suas ações.

No Caderno de Instrução do Projeto Liderança da AMAN encontramos uma passagem que diz que a chave da liderança está na credibilidade e que seu surgimento ocorre a partir da confiança que os subordinados adquirem no seu comandante. No texto do Caderno de Instrução encontramos a seguinte afirmação: *“Portanto, aqueles que precisam liderar terão que dar bons exemplos em todos os sentidos, com o objetivo de se tornarem respeitáveis e confiáveis para, a partir daí, adquirirem credibilidade.”* (HECKSHER, 2011, p.21).

Os bons exemplos, na concepção de Kant, podem ser criticados visto que caso esses bons exemplos tenham uma segunda intenção, tal ação não é vista de maneira satisfatória, ou seja, tal prática é condenável. Sendo assim, os bons exemplos devem ser guiados pelo dever, tendo como base o imperativo categórico visando atingir as duas formulações: universalize sua máxima e tratar as pessoas como fins em si mesmas.

5 CONCLUSÃO

A presente monografia teve por objetivo analisar os fundamentos da moral em Aristóteles e os fundamentos da moral em Kant para identificar a contribuição na ética militar do Exército Brasileiro. Este trabalho procurou, ao longo de seu desenvolvimento, a construção de uma fundamentação teórica, através de artigos publicados, livros, manuais e regulamentos, dos termos moral e ética, a fim que possibilitasse ao leitor uma excelente interpretação a respeito do assunto explorado.

Para o estudo da ética foram mencionados diversos filósofos, como Sócrates, Jeremy Bentham, Nietzsche, Platão, a ética estoica, dentre outros, para servirem de suporte teórico, pois construíram ao longo da história da humanidade teorias que auxiliam o entendimento da ética e moral. No entanto, selecionamos a fundamentação de Kant e Aristóteles para mostrar quais as importantes influências que tiveram na construção da ética militar.

Foi destinado um tópico no qual foi demonstrado o que preconiza a ética militar do Exército Brasileiro. Foi importante mostrar o quão relevantes são os preceitos desta ética militar visto a certa influência dos fundamentos filosóficos.

Algumas conclusões parecem evidentes no desenvolvimento do trabalho. A primeira delas a de que, de forma indiscutível, se fazem necessárias disciplinas acerca da ética militar nas escolas de formação do Exército. A ética militar pressupõe um ensino cativante, mas com sóbria exigência intelectual e rigidez de atitudes. Ainda sobre o ensino da ética, deve ser abordada nas discussões acadêmicas sobre ética militar a competência profissional militar; o modelo de indivíduo militar.

Por tudo isso, podemos apontar que todos esses fundamentos filosóficos estão presentes nas proposições da ética militar e que, no caso, para determinar os patronos militares, estes, devem possuir características que são explicadas nas obras de Kant e Aristóteles. Portanto, concluímos que os militares seguem uma ética baseada nos fundamentos formados pelos filósofos já mencionados acima e o domínio sobre o tema abordado é de extrema importância para o futuro oficial militar da linha bélica, pois servirá de apoio não somente em uma parte de sua carreira, mas em todos os dias de sua rotina, visto que a todos os momentos somos postos a efetuar decisões e tomar iniciativas pautadas pelo sentimento de dever e pelo meio-termo das ações e atividades, evitando os exageros e ausências.

Fica evidente que o assunto em questão demanda estudos adicionais necessários antes de uma completa compreensão e avaliação do problema. Espera-se, ainda, que este estudo

estímulo futuras investigações nessa área e traga mudanças e adaptações para o desenvolvimento dos cadetes e futuros oficiais do exército no tocante do tema da ética militar. Ressalta-se, também, a importância do estudo da filosofia para melhorar a internalização e conhecimento da ética militar.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Resende: Acadêmica, 2008. p. 94-104.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Temas de filosofia* – 3. ed. rev. – São Paulo: Moderna, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2016

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

CADEIRA DE FILOSOFIA. Academia Militar das Agulhas Negras. **Coletânea de textos de ética e filosofia moral**. Resende-RJ, 2018.

DA SILVA, Sandro Luiz. **A ética das virtudes**. 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2039/SandroSilvaFilosofia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 set. 2018.

DE OLIVEIRA, Mario Nogueira. A educação na ética kantiana. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 447-460, set. 2004.

EXÉRCITO. Portaria no 156 - Comandante do Exército, de 23 de abril de 2002. **Vade Mécum de Cerimonial Militar do Exército - Valores, Deveres e Ética Militares**. Brasília, DF. 2002.

HECKSHER, Mário Neto. **Caderno de instrução do Projeto liderança da AMAN**. Resende: ed. Acadêmica da AMAN, 2011

HOFFE, Otfried. **Introduction à la philosophie pratique de Kant: la morale, le droit et la religion**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1993.

KLEINMAN, Paul. **Tudo o que você precisa saber filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano**. 8. ed. – São Paulo: Gente, 2014.

Lei nº 6880, de 9 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o **Estatuto dos Militares**. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 1980.

LEITE, Flamarion Tavares. **10 Lições sobre Kant**. 9. ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

PASCAL, Georges. **Compreender Kant**. 7. ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

PEGORARO, Olinto Antônio. *Ética dos Maiores Mestres Através da História*. 5ª edição – Petrópolis: Vozes, 2013

RIZZO RIBEIRO, Paulo Mauricio. **Ética e Valores Militares: Desafios de Preservação para a Instituição Militar** - Rio de Janeiro: ESG, 2016.

SANDEL, Michael J. **Justiça - O que é fazer a coisa certa**. 15. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SEIDL, Raymundo Pinto. **O duque de caxias**: esboço da sua gloriosa vida. Segundo Regimento de Artilharia de Campanha: Luiz Macedo - Quintanda 64, 1903. 239 p.

TONER, James H. **Vida militar ou Ética**, 2003.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.